

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 2 Maio - Agosto 2024

ARTIGO

## DINHEIRO NA MÃO É VENDAVAL E MOEDA NO LIXO É BOM SINAL: ELEMENTOS DO COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES DE INTENÇÕES POLÍTICAS DO ESTADO BRASILEIRO NA CUNHAGEM DE MOEDAS METÁLICAS ENTRE 1969 E 1978

Vanúzia Gonçalves da Amaral\*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um lote de oito moedas metálicas encontradas nas escavações arqueológicas realizadas no Aterro Sanitário de Belo Horizonte em 2018 e 2019. Essas escavações foram etapas de uma pesquisa de doutoramento que exumou moedas e outros 1,9 mil objetos — descarte intencional ou acidental? Ao exumá-las, delimitamos o período entre 1969 e 1978 — cunhados nas moedas — e identificamos a mensagem “alimentos para o mundo” e imagens de torres de petróleo como indicativas de intenções políticas do Estado brasileiro. A expressão “dinheiro na mão é vendaval” remete-nos à fluidez do tempo e à durabilidade de materialidades simultaneamente. Esses artefatos apresentam um potencial a ser explorado sobre a produção de conhecimento sócio-histórico do nosso passado recente.

**Palavras-chave:** moeda; lixo; arqueologia.

\* Prefeitura de Belo Horizonte. E-mail: [vanuzia.amaral@pbh.gov.br](mailto:vanuzia.amaral@pbh.gov.br).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9612-6390?lang=en>.

## MONEY BURNS A HOLE IN ONE'S POCKET ON HAND IS A GALE AND A COIN IN THE GARBAGE IS A GOOD SIGN: DAILY ELEMENTS AND REPRESENTATIONS OF POLITICAL INTENTIONS OF THE BRAZILIAN STATE IN THE MINTING OF METALLIC COINS FROM 1969 TO 1978

### ABSTRACT

This study aims to describe a batch of eight metallic coins found in archaeological excavations carried out at the Sanitary Landfill in Belo Horizonte/MG in 2018 and 2019. These excavations were stages of a PhD research that exhumed coins and 1.9 thousand other objects. Intentional or accidental disposal? We delimit the period from 1969 to 1978 (which were minted on the coins) and identify the message “food for the world” and images of oil derricks indicating the political intentions of the Brazilian state. The expression “money burns a hole in one’s pocket” reminds us of the fluidity of time and the durability of materialities. These artifacts can be explored regarding the production of the sociohistorical knowledge of our recent past.

**Keywords:** coins; garbage; archeology.

## DINERO EN LA MANO ES VENDAVAL Y MONEDA EN LA BASURA ES BUENA SEÑAL: ELEMENTOS DE LA VIDA COTIDIANA Y REPRESENTACIONES POLÍTICAS DEL ESTADO BRASILEÑO EN LA ACUÑACIÓN DE MONEDAS METÁLICAS ENTRE 1969 Y 1978

### RESUMEN

Este artículo tuvo por objetivo presentar un lote de ocho monedas metálicas que se hallaron en las excavaciones arqueológicas realizadas en Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) en 2018 y 2019. Estas excavaciones formaron parte de etapas de una tesis doctoral que exhumó monedas y otros 1,9 mil objetos –¿desecho intencional o accidental? Al exhumarlas, se delimitó el período comprendido entre 1969 y 1978—acuñado en las monedas—, y se pudo conocer el mensaje “alimentos para el mundo” y las imágenes de torres petrolíferas como intenciones políticas del Estado brasileño. La expresión “*dinheiro na mão é vendaval*” (“dinero en la mano es un vendaval”) se refiere a la fluidez del tiempo y, a la vez, la durabilidad de las materialidades. Estos artefactos tienen un potencial para ser explorado en la producción de conocimiento sociohistórico de nuestro pasado reciente.

**Palabras clave:** monedas; basura; arqueología.

*Dinheiro na mão é vendaval  
 É vendaval!  
 Na vida de um sonhador  
 De um sonhador!  
 Quanta gente aí se engana  
 E cai da cama  
 Com toda a ilusão que sonhou  
 E a grandeza se desfaz  
 Quando a solidão é mais  
 Alguém já falou...  
 Mas é preciso viver  
 E viver  
 Não é brincadeira não [...]*  
 Paulinho da Viola, *Pecado capital*

*Ao enfiar pela Rua da Assembleia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando. Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?*  
 Machado de Assis, *A carteira*

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar oito moedas metálicas encontradas nas escavações arqueológicas realizadas no Aterro Sanitário da BR-040, em Belo Horizonte, em 2018 e 2019 (etapas de uma pesquisa de doutoramento concluída em janeiro de 2023 que exumou, além das moedas, 1,9 mil objetos). São artefatos arqueológicos por meio dos quais podemos observar aspectos importantes do Estado brasileiro no período compreendido entre 1969 e 1978 — período em que foram cunhadas. Tratadas como “documentos” da história do país ou como artefatos, nelas identificamos informações fundamentais sobre o processo de construção de uma identidade brasileira — mensagens que enfatizavam, durante o regime militar, uma vocação do país como “celeiro”, ao fornecer “alimentos para o mundo” (texto cunhado em moedas de cinco centavos), de detentor de recursos estratégicos como o petróleo (imagem de torre de petróleo impressa em moedas de vinte centavos) e agente do processo de industrialização (figura alusiva à siderurgia cunhada em moedas de dez centavos). Como ressaltaram Gomes e Kornis (2001), é importante utilizar moedas e cédulas do sistema monetário como objetos de estudo — como documentos — da história da República no Brasil.

Notas impressas em papel-moeda e moedas metálicas normalmente são a forma de materialização do dinheiro. São utilizadas para pagar por bens, como imóveis; por serviços, como consultas médicas, e por outros tipos de obrigações que podem ser medidos e comparados, de forma contábil, a valores de bens, produtos e serviços. O dinheiro é definido como um instrumento

de pagamento usado em trocas comerciais (Dinheiro, [2023]). Para além de uma forma de efetuar quitação de dívidas ou de pagamentos em trocas comerciais, Hart (2019) referiu-se a ele como um “universal humano” que estende o alcance das sociedades além de seus limites locais. Olhando apenas a vertente material do dinheiro, podemos concluir que essa definição não é algo trivial.

Segundo Nunes e Silveira (2013), a moeda é

qualquer objeto que seja amplamente aceito como pagamento em compras de bens e serviços ou em pagamentos de dívidas em uma determinada sociedade. Considerando essa definição, percebemos que moeda não é só papel-moeda ou moeda metálica, mas também cheques, depósitos em contas correntes e até mesmo depósitos em poupanças. (Nunes; Silveira, 2013, p. 11).

Analisando moedas — suas faces, cunhagem, datas, símbolos e tipo de matéria-prima utilizada, por exemplo —, podemos entender, mesmo parcialmente, como determinadas sociedades representam sua riqueza, suas crenças e outros aspectos culturais, econômicos e estéticos. Esses aspectos informam-nos ou direcionam nossas percepções sobre relações culturais. As moedas e as cédulas constituem, assim, uma materialidade valorizada, que ampara compreensões específicas sobre as relações econômicas e é uma força fundamental em qualquer sociedade.

Weber (1999) apresentou os atributos intrínsecos do Estado nacional racional legal. Dentre esses atributos, citou o monopólio do uso legítimo da força, a administração do território, a política fundiária, a política de idiomas, a administração financeira e a da moeda, dos tributos e dos fundos públicos. Não se concebe, então, uma moeda oficial sem a assinatura de um Estado Nacional.

“Moeda” é um termo que engloba conceitos distintos, mas inter-relacionados: pode tratar-se de um objeto metálico circular que levamos no porta-moedas, ou porta níqueis — na língua inglesa é *coin*; pode tratar-se, também, do padrão monetário de um Estado — ou união monetária —, *currency*, como o dólar, o euro ou o real. “Dinheiro” é um sistema de equivalência geral que serve para medir o preço das coisas, chamado, em inglês, de *money*.

Carlan e Funari (2022) buscaram várias referências para contar como a moeda teve — e ainda tem — papel significativo na construção da história das relações humanas. Além de esclarecer que o peso e as imagens impressas nas moedas seguem padrões, apresentaram conceitos sobre “equivalente geral” e “valor liberatório”. Podemos vislumbrar, muito além de sua função de troca econômica, que esses pequenos círculos metálicos representam ideias e práticas cotidianas de determinadas sociedades. Para eles, tanto em termos históricos como conceitualmente, tudo começa com a moedinha que está em nosso bolso: o meio de troca cotidiano (Carlan; Funari, 2012).

As moedas devem conter marcas, emblemas, símbolos e assinaturas do Estado que as emite. A garantia de valor, entretanto, trata-se de problema maior na política econômica. Podemos identificar, além do valor monetário, alguns valores simbólicos nas moedas. O Banco Central do Brasil (BCB) ([2022]) apresenta em seu site um histórico das moedas cunhadas no país. É possível identificar, observando as duas faces de várias moedas retratadas na publicação do BCB, como se alteraram, ao longo do tempo, o nome da moeda oficial brasileira, sua forma, o tamanho dos algarismos nela impressos e a imagem impressa no verso — a certa altura, passaram a representar a intenção de um Estado interessado em ostentar as riquezas do país (como agricultura, fauna, extração de petróleo, personalidades).

Assim como Lima (2011) e Symanski (2014), ressaltamos que atualmente os estudos de cultura material têm natureza transdisciplinar, com múltiplas perspectivas teóricas e grande riqueza epistemológica. A partir das pesquisas arqueológicas desses e de outros autores, podemos considerar as moedas um artefato arqueológico capaz de apresentar-nos relevantes informações sobre a produção material da humanidade passada e da contemporânea.

As moedas proporcionam-nos, obviamente, um conhecimento sobre a dinâmica social dos países que as cunham, e as informações nelas impressas variam entre os temas mais diversos, como homenagens a escritores, cientistas ou políticos, economia, natureza e muitos outros. Normalmente, as moedas que analisamos como artefatos arqueológicos são aquelas encontradas reluzentes em catálogos, coleções de numismatas ou itens de acervos de museus. Assim como não é comum encontrarmos carteiras com dinheiro no chão enquanto caminhamos pelas ruas da cidade, ou encontrar moedas — mesmo as de baixo valor monetário — dispostas no lixo, é raro encontrá-las também em um sítio arqueológico urbano. Parece que esse tipo de achado seria resultante do fator “sorte”. Não é científico contar com a sorte, contudo, em escavações arqueológicas. Embora o professor Hilbert (2016) tenha afirmado que em escavações é comum encontrarmos muitos objetos quebrados, estilhaçados e esquecidos, quando encontramos moedas em escavações arqueológicas, mesmo em aterros públicos de resíduos, estão intactas ou com poucas avarias, manchas e fraturas.

Com as moedas recolhidas nessas escavações encontramos também o valor explicativo de muitas vidas, visto que elas são fontes muito adequadas para entendermos aspectos relevantes de uma sociedade. Carlan (2014) ressaltou alguns aspectos estatais, políticos, jurídicos, religiosos e econômicos, dentre outros, impressos nessa materialidade, e Hart (2019) ensinou sobre uma “economia humana” criada pelo dinheiro e suas formas de circulação.

Os estudos sobre resíduos têm muitas raízes, como indicam Douglas (1966), Melosi (2005), Rathje (1979), Rathje e Murphy (2001) e Zimring (2015). Ao homenagear os estudos de William Rathje, Zimring (2015) cita, por exemplo, a variedade de abordagens sobre descartes de resíduos empreendidas por antropólogos, historiadores e analistas políticos, que tentam compreender o que, como e por que sociedades descartam materiais considerados inúteis ou perigosos. As abordagens sobre descartes incluem análises da criação e da expansão de resíduos industriais, desenvolvimento de infraestruturas como aterros sanitários, estações de tratamento de esgotos e surgimento e predomínio de estruturas de reciclagem, formais e informais.

O estudo interdisciplinar sobre resíduos e suas variadas formas de descartes desenvolvidos por William Rathje (Rathje, 1979; Rathje; Murphy, 2001) são contribuições duradouras, que usam a materialidade dos descartes e, com métodos arqueológicos, conduzem a pensamentos e novas perspectivas sobre as sociedades industriais.

Ao veicular nas moedas suas intenções sobre políticas econômicas, por meio de textos ou imagens, os Estados Nacionais expõem suas “mensagens” de cunho supostamente universais e acessíveis. Ao encontrá-las dispostas em aterros sanitários públicos, constatamos que essas materialidades e as mensagens nelas impressas não se degradam tão rapidamente como se pensa quando se decide usar aterros sanitários como técnica de apagamento de vestígios.

## ESCAVAÇÃO NO ATERRO SANITÁRIO DA BR-040, EM BELO HORIZONTE: MÉTODO DE TRABALHO

A pesquisa arqueológica no antigo aterro de Belo Horizonte, localizado no quilômetro 531 da BR-040 no sentido Brasília/DF, tinha como objetivo realizar uma pesquisa de arqueologia do lixo da capital mineira circunscrita à década de 1970. Para tal foram realizadas escavações em 2018 e 2019. A Figura 1 indica o local das escavações e uma visão aérea de parte do sítio.

**Figura 1.** Área escavada em 2018 (A1) e área escavada em 2019 (A2).



Fonte: Ferreira (2022).

Ao escavar um aterro público que recebia, em meados da década de 1970, 250 toneladas de lixo por dia, esperamos encontrar grandes quantidades de refugos do cotidiano, descartados propositalmente e de forma estruturada, segundo uma dinâmica administrativa e cultural própria de cada cidade.

Lima (1996) aponta-nos, especialmente nos seus estudos da cultura material do Brasil no século XIX, transformações globais capitalistas nas quais predominou um conjunto de princípios orientados em torno da disciplina e do controle e para as quais a ideologia da higienização foi importante. A higienização de corpos, que Lima (1996) relata de forma preciosa, leva-nos a pensar em como as práticas de dissimular odores e destruir dejetos é comum também em cidades com políticas de limpeza urbana desenhadas com o objetivo de destruir materiais descartados, seja de forma proposital ou acidental.

Os resíduos dispostos em aterros, se escavados posteriormente, estarão deslocados daqueles que os descartaram e em condições de preservação bastante deterioradas, além de conterem baixo potencial informativo. Não esperamos encontrar “pequenas coisas esquecidas”.<sup>1</sup> Lápides, instrumentos musicais, portas ou fragmentos de cerâmica obviamente não são vestígios procurados em um aterro de resíduos urbanos; mas, como Deetz (1977) nos ensinou, pequenos objetos desempenham papéis importantes na vida de indivíduos e, portanto, não devem ser menosprezados

---

<sup>1</sup> Tradução livre do título original do livro *Small Things Forgotten: The Archaeology of Early American Life*, de James Deetz, publicado em 1977.

em uma investigação arqueológica. Algumas coisas aparentemente pequenas, insignificantes e difíceis de serem encontradas em aterros públicos de grandes cidades acumulam histórias de vida que nos habilitam a pensar em intenções políticas de Estados e em indivíduos que perderam suas moedas ou as descartaram intencionalmente por não encontrarem nelas nenhum valor monetário ou simbólico.

Rathje (1979) e Rathje e Murphy (2001) detalharam os princípios centrais para pesquisarmos “diretamente no lixo”. Os autores afirmaram que os resíduos descartados pelas pessoas permanecem incrivelmente preservados e que podem falar de forma mais eloquente, informativa e verdadeira sobre suas vidas do que outros relatos. Nessa mesma linha, Melosi (2005) confirmou a durabilidade dos vestígios encontrados no lixo e alertou para a extensão do problema ambiental criado pelos resíduos nas cidades. Além disso, ele ressaltou os limites da responsabilidade individual versus a responsabilidade comunitária desse problema.

Olhar para nossos descartes de forma criteriosa é muito produtivo para obtermos um conhecimento da realidade, às vezes mais rentável que observar apenas registros escritos. Pesquisar diretamente no lixo, além de ser surpreendente, pelas características de preservação e de diversidade dos materiais, leva-nos a acessar algumas dimensões tecnológicas, morfológicas e estilísticas que poderíamos julgar ultrapassadas ou mesmo inexistentes. Aproxima-nos, sobremaneira, do entendimento de como esses artefatos representam elementos do cotidiano de todas as esferas da vida social.

A natureza material dos excessos de nossa época está perfeitamente retratada em uma escavação arqueológica de um aterro de resíduos sólidos urbanos: quantidades de resíduos que giram em torno de milhares de toneladas por dia, sendo compactadas em uma vala e recobertas por grossas camadas de terra e de entulho, para esconder os excessos da produção, do consumo e do descarte nas cidades (González-Ruibal, 2008). Nessas operações de aterragem e de apagamento de resíduos, aterram até dinheiro!

As escavações nessa pesquisa foram realizadas com máquina escavadeira da marca Komatsu, hidráulica, sob esteira, com lança de 5m e capacidade da carregadeira (caçamba) em torno de 200 quilos. A caçamba cortante foi usada em sua capacidade máxima, conforme informação do fabricante. Foram retiradas duas caçambas de material por nível estratigráfico, condicionados pela capacidade do local de limpeza e guarda. Estimamos a largura dos furos de retirada das amostras em torno de 1,5 a 2 metros, e a profundidade condicionada pela capacidade da lança da máquina de 5 metros (o maciço escavado tinha aproximadamente 6 metros de altura). A Figura 2 demonstra a primeira etapa de retirada do material inerte que recobria os resíduos — corte no maciço realizado com máquina e acesso aos sedimentos que apresentaram as primeiras alterações de cor.

**Figura 2.** Fase inicial da escavação: retirada da cobertura dos resíduos.



Fotografia: Vanúzia Amaral (2018).

Após a retirada do material nas escavações, eles foram previamente separados (Figura 3) para evitar misturas de estratigrafia. Nessa etapa observamos grandes blocos de materiais, aglomerados por sedimentos e compostos por matérias-primas distintas. Havia baixa probabilidade de encontrarmos materiais menores que 10 centímetros, especialmente considerando as formas de manipulação e de tratamento de resíduos em grandes aterros de cidades — destruição, compactação e cobertura com grossas camadas de resíduos inertes (entulho e terra e, em alguns casos, nas camadas mais profundas, argila para impermeabilização).

**Figura 3.** Resíduos escavados no Aterro Sanitário da BR-040, em Belo Horizonte: separação prévia.



Fotografia: Vanúzia Amaral (2018).

Logo após a separação prévia, encaminhamos resíduos para limpeza com água, conforme detalhe da Figura 4. Nos momentos de limpeza, constatamos a grande resistência desses materiais e encontramos as primeiras miudezas e os primeiros fragmentos não identificados. Ficou clara, nessa etapa, a necessidade do uso de luvas para manuseio do material escavado, de água corrente para retirada dos sedimentos impregnados nos resíduos e de escova de dentes para auxiliar na limpeza. Registramos a perda de pequenos fragmentos nesse momento.

**Figura 4.** Etapa de Limpeza: primeiro encontro de miudezas.



Fotografia: Vinicius Fiumari (2019).

As operações de limpeza e de triagem do material escavado demandaram bastante tempo e recursos para higienização, classificação e guarda. A quantidade de resíduos escavados e de sedimentos que estavam acoplados a esses resíduos foram da ordem de 800 quilos em cada escavação. Foi surpreendente encontrarmos, portanto, enlameados em sedimentos ou colados a algum resíduo plástico ou a papéis, moedas ou outros objetos de uso cotidiano, como botões, isqueiros e garfos. Alguns desses objetos estavam intactos e essa preservação leva-nos a refletir sobre descartes acidentais ou intencionais. A pesquisa arqueológica em aterros de lixo urbano nos faz trazer à tona coisas esquecidas e, normalmente, descartadas propositalmente. Esse movimento nos impele a pensar sobre a linearidade do tempo e em coisas preservadas ou fragmentadas como elementos de um discurso arqueológico.

A Figura 5 demonstra as especificidades e a delicadeza dos gestos necessários para limpeza das moedas.

**Figura 5.** Limpeza das moedas (uso de água e escova de dentes).



Fotografia: Vinícius Fiumari (2019).

Na Figura 6 estão na mesma imagem as faces das moedas de vinte centavos encontradas na escavação realizada em 2018. Podemos observar, ainda, apesar da limpeza, sedimentos de difícil remoção colados nas moedas. Estão bem visíveis, apesar disso, o valor, o ano de cunhagem — 1975 —, e as imagens de uma torre de petróleo, em uma das moedas, e a da efígie da república em outra.

**Figura 6.** Faces das moedas de vinte centavos encontradas na escavação de 2018.



Fotografia: Vanúzia Amaral (2018).

As Figuras 7 e 8 apresentam as moedas encontradas na escavação realizada em 2019 e mostram as faces nas quais estão cunhados os valores monetários (cinco, dez e vinte centavos) e os valores políticos (o texto “alimentos para o mundo” e a imagem de um boi na moeda de cinco centavos; a imagem representativa da siderurgia na moeda de dez centavos; e a da torre de petróleo nas moedas de vinte centavos). Os anos de cunhagem variam: 1969 o das moedas de cinco centavos, 1977 o da moeda de dez centavos, e 1977 e 1978 os das moedas vinte centavos.

**Figura 7.** Face (valor monetário) das moedas encontradas na escavação de 2019.



Fotografia: Vanúzia Amaral (2021).

**Figura 8.** Verso (efígie da República) das moedas encontradas nas escavações de 2019.



Fotografia: Vanúzia Amaral (2021).

Se encontrar moedas na rua ou em lixeiras é coisa difícil, em escavações arqueológicas em aterros de resíduos sólidos urbanos é quase impossível. Assim, não surpreende a admiração da equipe de trabalho ao exumá-las, procurando identificá-las e especular seu valor atual.

As oito moedas exumadas no projeto de escavação finalizado em 2023 compunham o maciço pesquisado na primeira fase de ocupação do sítio, formado entre 1975 e 1982. O colecionador Claudio André informou que, em 1975, foram cunhadas e colocadas em circulação 102.386 milhões de moedas (Cláudio..., 2019). Essas moedas tinham valores que variavam de um centavo até quinhentos cruzeiros. O Banco Central do Brasil ([2022]) publica, em seu site oficial, uma relação de todas as moedas que circularam entre 1970 e 1986, informando o padrão monetário que seguiu aquele do cruzeiro novo, de 1968.

Os resíduos são instrumentos capazes de contar nossas realidades, sem subterfúgios, e as moedinhas são um meio de refletir sobre o Brasil nesse período histórico recente. Mesmo sem valor monetário, elas indicam uma continuidade da história do país ao voltarem à tona pela escavação.

#### DINHEIRO NA MÃO É VENDAVAL E ENCONTRAR MOEDAS NO LIXO É BOM SINAL

A Figura 9 mostra que, apesar do método de escavação adotado — totalmente mecânico —, foi possível salvarmos artefatos pequenos (em torno de 2,5 centímetros e 4,80 gramas), em comparação com outros objetos exumados nas escavações. As moedas da escavação de 2018 (Figura 6) tinham valor impresso de vinte centavos de cruzeiro (Cr\$ 0,20) e foram cunhadas em 1975. Na escavação de 2019 encontramos seis moedas (Figura 7), duas de vinte centavos de cruzeiro

(Cr\$ 0,20), uma cunhada em 1977 e outra em 1978, uma de dez centavos de cruzeiro (Cr\$ 0,10), cunhada em 1977, e três moedas de cinco centavos de cruzeiro (Cr\$ 0,05), sendo duas cunhadas em 1969 e uma em 1975.

**Figura 9.** Moedas exumadas na escavação de 2019.



Fotografia: Vinicius Fiumari.

A quantidade de moedas de vinte centavos corresponde exatamente à metade numérica do lote de oito moedas (sendo duas da escavação de 2018 e duas da escavação de 2019). Todas têm a efigie da República em uma face e as intenções de demonstração de riqueza e de desenvolvimento na outra, onde estão gravadas torres de petróleo, indicando uma forma de desenvolvimento econômico adotada pelo Estado nesse período.

A moeda de dez centavos, cunhada em 1977, apresenta a indústria siderúrgica como outra forma de desenvolvimento econômico adotado pelo Estado brasileiro.

As moedas de cinco centavos apresentam uma alteração significativa na cunhagem em apenas seis anos: as duas moedas cunhadas em 1969 apresentam a efigie da República, em um lado, e o valor monetário no outro; a moeda cunhada em 1975 inclui a mensagem, gravada em letras maiúsculas, “alimentos para o mundo” e a figura de um boi.

Nas moedas, observamos principalmente intenções e ações de Estados. Normalmente os governos estão interessados em construir imagens relacionadas à riqueza variada, como petróleo, indústria siderúrgica e alimentos para o mundo. Quando emitem moedas, as motivações políticas e econômicas de Estados se tornam ainda mais evidentes quando observados a cronologia e o volume das cunhagens. Silva (2022), por exemplo, refere-se a oficinas de produção monetária, em grande parte das cidades antigas, como ações intermitentes. Algumas autoridades optavam, eventualmente, por cunhar novas moedas e colocá-las em circulação em tempos de guerras e de realização de gastos públicos elevados.

O autor considera as economias antigas complexas, operando em variados sistemas monetários e escalas, demarcados mediante metais, tipos numismáticos e padrões; mas essa pluralidade sobre

emissão de moedas não inibiu o comércio nem as formas não monetárias de dinheiro. Thiago Silva (2011a, 2011b) e Mateus Silva (2022) esclarece ideologias de governos impressas em papel moeda. Especificamente sobre o regime militar, o autor cita vários exemplos, entre os quais merece realce a cédula de 5 mil cruzeiros, emitida em 1981, que homenageava o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, primeiro “presidente” do regime, entre 1964 e 1967. Parece claro que aquelas cédulas fizeram uma “exaltação” do regime militar.

Conectar as iconografias das moedas com intenções do governo militar brasileiro, que queria impor uma imagem de progresso industrial e agropastoril, não é propriamente uma novidade. Ao aproximar discursos políticos e mensagens em papel moeda, parece que o governo brasileiro, nesse período histórico, utilizou-se também de uma política da Organização das Nações Unidas (ONU) de combate à pobreza e eliminação da fome. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (Food and Agriculture Organization [FAO]), que conta com escritório no Brasil desde 1949, lidera esforços internacionais da ONU para derrotar a fome no mundo, promovendo o desenvolvimento agrícola, possibilitando a todos a melhoria nutricional e a segurança alimentar.

Em 1968, a FAO iniciou um projeto visando emitir moedas com o tema da produção de alimentos e obteve a adesão de mais de 20 países. Cada um retratou a cultura alimentícia do seu país, e o Brasil emitiu moedas temáticas em 1975, 1985 e 1995 (FAO, [2024]). O site *Caravelas Coleções* (Moedas FAO..., 2019) mostra a moeda de um centavo de cruzeiro (cunhada em 1978) exibindo açúcar, moedas de dois centavos exibindo soja (cunhadas em 1977), e a moeda de cinco centavos de 1976 com a imagem de um boi e a palavra “carne”. Gonçalves (2020) apresenta oito moedas brasileiras emitidas em virtude da campanha da FAO “Alimentos para o Mundo”: os alimentos cunhados são açúcar, soja, carne e café. A moeda que encerrou essa série é a de 25 centavos, que trazia a mensagem “alimentos para todos” e a imagem de um lavrador cuidando de uma planta. Em 2008 a FAO comunicou o fim desse programa e, embora se ressalte essa boa iniciativa, não se encontram avaliações sobre a campanha.

Almeida, Silva e Braga (2011) informam sobre o comércio do café brasileiro. Nessa economia específica não vimos grandes transformações ao longo de séculos. Os autores citam o café verde como um dos produtos agrícolas de maior relevância no comércio internacional. O Brasil é o maior produtor mundial, e em 2007 suas exportações de café verde corresponderam a 30,55% do total mundial. Podemos pensar, assim, no exemplo do café como “alimento para o mundo” ou como uma economia ou moeda que alimenta poucas pessoas ou corporações?

Schallenger e Schneider (2010) analisaram as formas de desenvolvimento econômico do país, tomando como referência as políticas agrárias e agrícolas da era Vargas e do Regime Militar após 1964. Para os autores, esse período histórico foi marcado por metas de integração territorial e por expansão das fronteiras agrícolas, em vista da expansão do mercado interno. Eles citaram a implementação, a partir de 1964, de um modelo desenvolvimentista fundado na política agroexportadora, levado a cabo pelo governo militar. Bellingieri (2005) também analisou as políticas econômicas do regime militar brasileiro iniciado em 1964. Apontou que no ano de 1979 o governo militar implementou políticas para repetir o “milagre econômico” do início do regime: o ministro Delfim Netto retornou para o governo (havia liderado o Ministério da Fazenda de 1967 a 1974), assumindo o Ministério do Planejamento e do Orçamento (entre 1979 e 1985), e promoveu, entre outras medidas, uma maxidesvalorização do cruzeiro em 30%, o que atrairia dólares para o país. Essa medida gerou inflação de 110%, em 1980, muita especulação e crescimento da dívida pública, segundo Bellingieri (2005).

Tendo em vista essa desvalorização, podemos concluir que não é surpreendente encontrar dinheiro aterrado como lixo urbano. Quando pensamos em moeda desvalorizada, podemos imaginar moedas e cédulas esquecidas em fundos de gavetas ou de cofres. Algumas podem, de fato, virar lixo mesmo antes de serem descartadas. As motivações para o descarte, entretanto, ainda podem ser questionadas: displicência, esquecimento ou refugo proposital?

O BCB publicou, em 2004, uma cartilha chamada *Dinheiro no Brasil*, em que informava que entre 1967 e 1970 a moeda corrente no país era o Cruzeiro Novo (NCr\$), e que entre 1970 e 1986 o nome da moeda voltou a ser cruzeiro (Cr\$) (BCB, 2004). Apenas entre 1970 e 1994 — quando o real, atual moeda brasileira, começou a circular — o Brasil trocou o nome de sua moeda oficial seis vezes (Zanatta, 2022). Essas medidas políticas, chamadas de “políticas econômicas”, alteram sobremaneira a rotina das pessoas que utilizam o dinheiro para as atividades mais triviais, como pagar pelo transporte público, tomar um café em uma lanchonete, ou para outras mais complexas, como a aquisição de terras, objetos de arte, grandes investimentos, entre outras.

Carlan e Funari (2012) explicaram que, logo depois da Primeira Guerra Mundial, o sistema bancário diminuiu a emissão de moedas de ouro e de prata, e que após a Segunda Guerra Mundial essa produção cessou completamente. Ouro ou prata são usados, atualmente, apenas em ocasiões especiais — a moeda comemorativa dos cem anos do presidente Juscelino Kubitschek foi cunhada em prata, na Casa da Moeda do Brasil, em 2002; a moeda comemorativa dos quinhentos anos da “descoberta da América” foi cunhada em prata em 1992. A validade da moeda como objeto arqueológico exige, assim, uma complexa análise da emissão, do número de peças cunhadas, da amplitude de sua circulação econômica e do tempo durante o qual ela circulou. Ainda segundo Carlan e Funari (2012), não podemos esquecer a vinculação das moedas antigas aos limites administrativos, isto é, as moedas funcionavam como meio de troca apenas em limites territoriais bastante restritos.

Hoje ocorre exatamente o contrário na circulação de moedas. Mendes e Nascimento ([199-]) ensinaram sobre a evolução do conceito de moeda de metalista — quando a moeda tinha valor intrínseco ligado ao metal com o qual era cunhada — para a concepção estatal da moeda. Segundo os economistas, atualmente a moeda é um título de poder liberatório emitido pelo Estado, com força de lei e aceitação obrigatória para quitar débitos.

As intenções políticas do governo militar, veiculadas nas impressões feitas nas moedas, estão claras. Parece óbvio que as moedas são protagonistas de uma política governamental que gerou inflação, foram desvalorizadas e, por isso, destinadas à lixeira pública da cidade. Como artefato arqueológico, revelam de forma muito bem preservada histórias e práticas do passado recente.

Ao fazermos as moedas circularem, fazemos as intenções políticas do Estado circularem também por meio das mensagens nelas impressas. Essas mensagens refletem parte de nossas heranças culturais e retratam formas de desenvolvimento social e econômico que deixaram vestígios duradouros. Somos, portanto, agentes da história. Eis a importância da reflexão sobre as mensagens veiculadas em cédulas e moedas.

A expressão “dinheiro na mão é vendaval” leva-nos a pensar na volatilidade de certas materialidades, inclusive do dinheiro em cédulas de papel ou moedas metálicas. O vendaval pode ser, também, o resultado de políticas adotadas por governos autoritários, que não se constrangem em empobrecer aqueles já pobres e, ainda, em adotar medidas como censura e destruição do meio ambiente.

O breve período histórico que pudemos observar nas moedas — entre 1969 e 1978 — foi marcado por políticas nefastas para determinados grupos da sociedade brasileira, que foram torturados por se oporem ao regime político, tiveram seu direito ao voto direto cassado, sofreram degradação de condições de trabalho, viram aumentar a desigualdade social e avançar violentamente a “fronteira” agropecuária, e assistiram à censura à imprensa e a determinadas manifestações artísticas, para citar apenas alguns exemplos de destruição de liberdades democráticas.

Campos (2012) retornou a debates sobre questões de memória e da necessidade de reparação dos crimes cometidos na ditadura brasileira iniciada em 1964. A reparação diz respeito a pagamento de indenizações às pessoas que sofreram tortura ou exílio ao longo do regime militar, por exemplo. O autor problematizou o ônus financeiro das indenizações resultantes desses processos recaírem “apenas” sobre o Estado. Não há incriminação de torturadores, de militares que cometeram as atrocidades e de empresários que financiaram a repressão e enriqueceram com o regime.

Concomitantemente aos graves problemas não resolvidos detectados por Campos (2012), encontramos nas moedas analisadas referências a intenções políticas e econômicas e a lembrança de um tempo histórico específico, indicado pela energia baseada na extração de petróleo e no investimento industrial baseado em siderurgia. Observamos, também, a repetição de modelos econômicos e dos efeitos dessas escolhas políticas.

O passado que encontramos nessas moedas não passou. Ainda somos os herdeiros de modelos de desenvolvimento econômico que mantêm a riqueza concentrada nas mãos de poucos. Quando lemos a mensagem “alimentos para o mundo” ou visualizamos reluzentes torres de petróleo, restamos indagar quem acessou ou ainda acessa os frutos de toda essa riqueza cunhada nas moedas — artefatos pequenos, nos quais estão gravadas duradouras mensagens, sem intermediários, sem rasuras, sem fragmentação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dinheiro na mão é vendaval para uns e obsessão para outros. Pode ser “coisa do diabo”, e se traz felicidade, como saber? É algo que guardamos, independentemente do que está cunhado na cara ou na coroa da moeda metálica. Destroí as distâncias, é impessoal e faz-nos repensar as desigualdades. Qualquer um, em qualquer classe social, poderia comprar um automóvel no valor de 200 mil reais, por exemplo — bastaria possuir esse valor em dinheiro. Essa mediação impessoal com o mercado é um atributo importante do dinheiro. A despeito disso, existem representações simbólicas no dinheiro que não alcançamos. Ele pode equalizar situações (todos podem comprar o automóvel), mas esconde desigualdades. Não sabemos o itinerário de cada indivíduo para que acumule o montante suficiente para comprar esse bem.

Como um representante da sociedade política, a moeda representa o Estado e sua confiabilidade. É indispensável para as trocas atuais, sejam em espécie ou em operações digitais que usem o sistema financeiro. O dinheiro é uma materialidade que propicia a compreensão das relações da vida em comunidade; entretanto ele não é a vida social, como afirmam alguns autores. Ao lermos as mensagens e as imagens cunhadas nas moedas, detectamos informações sobre intenções políticas do governo de determinado período histórico. Não sabemos tudo sobre governos apenas analisando cunhagens em moedas, mas podemos afirmar que as moedas são materialidades “falantes”. Nelas estão retratados governantes, cientistas, elementos da flora, fauna, cultura alimentar e outros.

Ao pensarmos em moedas dispostas em aterros públicos de resíduos sólidos urbanos, em qualquer cidade, ocorre-nos refletir sobre intenções a respeito do descarte e de possibilidades de perceber uma “memória do cotidiano” por meio desses artefatos tão usados em nossas rotinas. As moedas encontradas nas escavações do antigo aterro sanitário de Belo Horizonte levaram-nos ao encontro de “documentos” da história recente do país e a rememorarmos ideais como “o celeiro do mundo”, ao visualizarmos figuras de bois e a mensagem da oferta de “alimentos para o mundo” de forma explícita. Encontramos moedas de baixo valor monetário, pouco peso, mas muitos louvores à República, além das indicações de formas de desenvolvimento econômico como industrialização via siderurgia e exploração de petróleo como recurso energético estratégico.

Usar moedas para pensar nas representações nacionais referentes à Ditadura ou à Redemocratização e nos modelos econômicos adotados faz-nos entender também dimensões tecnológicas, morfológicas e estilísticas de artefatos que se transformam de comuns a raros, de acordo com a mudança de governos. Esses artefatos representam elementos do cotidiano de todas as esferas da vida social e indicam a análise dos nossos descartes como fonte de pesquisa muito fértil. Dinheiro descartado, seja acidentalmente ou intencionalmente, remete-nos à reflexão desse fenômeno como o ponto final de uma história que, certamente, envolveu práticas cotidianas de trocas comerciais, de quantidades, intenções políticas e heranças culturais.

Se não podemos estudar os deuses e ignorar suas imagens, também ao analisar artefatos como moedas encontradas no lixo público de uma grande cidade não podemos deixar de pensar nessa materialidade como uma relevante criação humana. A despeito de alterações rápidas sobre seu uso e valor, a moeda funciona como um intermediário entre pessoas, mercados e Estados; indica direções políticas e econômicas, leva-nos a entender sobre valor e não valor; faz-nos ver seus dois lados, com uma tentativa de compreender algo além do que está simplesmente gravado em sua superfície. É, como vimos, um meio de troca cotidiano que diz respeito a muito mais do que simplesmente o preço das coisas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço o incentivo e sugestão do Professor Luis Cláudio Pereira Symanski sobre a ‘escolha’ de alguns materiais exumados durante as escavações realizadas no aterro sanitário de Belo Horizonte/MG em 2018 e 2019 para serem analisados individualmente, como itens da coleção. Escolhi as moedas, primeiramente, mas estou sempre pensando que poderia ter escolhido outros. Agradeço, rotineiramente, a leitura atenciosa das professoras Maria Jacqueline Rodet e Giselle Fontana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fernanda Maria de; SILVA, Orlando M. da; BRAGA, Marcelo José. O comércio internacional do café brasileiro: a influência dos custos de transporte. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 49, n. 2, 2011.
- AMARAL, Vanúzia Gonçalves. *Arqueologia do lixo de Belo Horizonte em meados da década de 1970: o aterro da cidade indica um passado que não passa, vidas breves e fragmentos duráveis*. 2023. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/54695>. Acesso em: 24 maio 2023.
- BCB – BANCO CENTRAL DO BRASIL. Moedas produzidas. *Gov.br*, [2022]. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/cedulasemoedas/moedasemitidas>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- BCB – BANCO CENTRAL DO BRASIL. Secretaria de Relações Institucionais. *Dinheiro no Brasil*. 2. ed. Brasília, DF: BCB, 2004. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/Cartilha\\_Dinheiro\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/Cartilha_Dinheiro_no_Brasil.pdf). Acesso em: 15 abr. 2023.
- BELLINGIERI, Júlio César. A economia no Período Militar (1964-1894): crescimento com endividamento. *Revista Hispeci & Lema*, v. 8, 2005. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/9/16042010171928.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- CAMPOS, Pedro Henrique P. *A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985*. 2012. Tese (Doutorado História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1370.pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.
- CARLAN, Cláudio U. Arqueologia, arte e história: a numismática a serviço do Estado. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n. 21, 2014. Disponível em: <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2021%20-%20artigo%201.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- CARLAN, Cláudio U.; FUNARI, Pedro Paulo A. *Moedas: a numismática e o estudo da história*. São Paulo: Annablume, 2022.
- CLÁUDIO André Coleções. Moeda de 20 Centavos Ano 1975. *YouTube*, 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4xmrF\\_eOQyE](https://www.youtube.com/watch?v=4xmrF_eOQyE). Acesso em: 22 dez. 2021.
- DEETZ, James. *Small Things Forgotten: The Archaeology of Early American Life*. New York (US): Anchor, 1977.
- DINHEIRO. *Conceito de.*, [2023]. Disponível em: <https://conceito.de/dinheiro>. Acesso em: 14 jun. 2023.

- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Lisboa (PT): Edições 70, 1966.
- FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. About. *FAO*, [2024]. Disponível em: <https://www.fao.org/about/abou-fao/en/>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- GOMES, Ângela de C.; KORNIS, Mônica A. Com a história no bolso: moeda e a República no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL “O OUTRO LADO DA MOEDA”, 2001. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2002. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/bf9e79c0-61fa-491d-aeda-a21c09cc097f/content>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Time to Destroy: An Archaeology of Supermodernity. *Current Anthropology*. v. 49, n. 2, 2008.
- HART, Keith. O dinheiro é como aprendemos a ser humanos. *Sociologia e Antropologia*, v. 9, n. 3, 2019.
- HILBERT, Klaus. *Ossos do ofício*. Curitiba: Prismas, 2016.
- LIMA, Tânia A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais*, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.
- LIMA, Tânia A. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 2, n. 3, 1996.
- MELOSI, Martin. Introduction. In: MELOSI, Martin. *Garbage in the Cities: Refuse Reform and the Environment*. Pittsburgh (US): University of Pittsburgh Press, 2005a. p. 1-16.
- MELOSI, Martin. One Out of Sight, Out of Mind: The Refuse Problem in the Late Nineteenth Century. In: MELOSI, Martin. *Garbage in the Cities: Refuse Reform and the Environment*. Pittsburgh (US): University of Pittsburgh Press, 2005b. p. 17-41.
- MENDES, Antônio; NASCIMENTO, Edson B. Estudo de direito monetário: a moeda e suas funções; obrigações monetárias; estipulação e indexação de obrigações monetárias. *Revista de Direito Mercantil*, n. 84, [199-]. Disponível em: [http://www.gustavofranco.com.br/uploads/files/Mendes\\_Nascimento.pdf](http://www.gustavofranco.com.br/uploads/files/Mendes_Nascimento.pdf). Acesso em: 30 jun. 2023.
- MOEDAS FAO no Brasil. *Caravelas Coleções*, 2019. Disponível em: <https://blog.caravelascolecoes.com.br/moedas-fao-no-brasil/>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- NUNES, Maurício S.; SILVEIRA, Jaylson Jair da. *Economia monetária*. 2013. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194946>. Acesso em: 7 jun. 2023.
- PAGAMENTO. *Conceito de.*, [2023]. Disponível em: <https://conceito.de/pagamento>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- RATHJE, William. *Advances in Archaeological Method and Theory*. New York (US): Springer, 1979. v. 2. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i20170139>. Acesso em: 27 maio 2023.
- RATHJE, William; MURPHY, Cullen. *Rubbish: The Archaeology of Garbage*. Tucson (US): The University of Arizona Press, 2001.
- SARAIVA, Luiz Fernando (org.). *Economia e estilo de vida: reflexões da história sobre teoria, metodologia e objetos*. São Paulo: Hucitec, 2022. p. 476-509. Disponível em: <https://hal.science/hal-03859855v1/document>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- SCHALLENBERGER, Ernelo; SCHNEIDER, Iara Elisa. Fronteiras agrícolas e desenvolvimento territorial: ações de governo e dinâmica do capital. *Sociologias*, v. 12, n. 25, 2010.

- SILVA, Mateus M. A. da. Moedas e história econômica: o testemunho numismático como ferramenta para o estudo das economias helenísticas. *In: MORAES, A.; SARAIVA, Luiz Fernando. São Paulo: Hucitec, 2022.*
- SILVA, Thiago S. da. Dinheiro e a circulação de ideologias geográficas na Ditadura Militar Brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 19., 2021. Anais [...].* Campina Grande: Realize, 2021a. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78490>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- SILVA, Thiago S. da. *Iconografia do papel moeda brasileiro, da Ditadura à Redemocratização: ideologias geográficas, projetos de Estado e composição intertextual (1972-1994)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021b.
- SYMANSKI, Luís Cláudio P. Arqueologia – antropologia ou história?: origens e tendências de um debate epistemológico. *Tessituras*, v. 2, n. 1, 2014.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília, DF: Editora UnB, 2015. v. 2.
- ZANATTA, Pedro. Para combater inflação, Brasil já passou por seis trocas de moeda; entenda. *CNN Brasil*, 1 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/para-combater-a-inflacao-brasil-ja-passou-por-seis-trocas-de-moeda-entenda/>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- ZIMRING, Carl A. The Happiest of Finds: William L. Rathje's Influence on the Field of Discard Studies. *Ethnoarchaeology*, v. 7, n. 2, 2015.